

Ainda no labirinto

P.15

CORREIO BRAZILIENSE

2 ABR 2005



JOSÉ SARNEY

Senador do Amapá pelo PMDB

Depois de três semanas em que os nossos sentimentos se alternaram entre tristeza e alegria, voltamos ao cotidiano. Foram dias de muitas emoções. Primeiro, o longo sofrimento do papa João Paulo II; depois, a pompa dos funerais, a comoção do mundo.

Começa o processo sucessório, quando nada se discutiu sobre a fé, a morte de Deus, anunciada por Nietzsche, dizimando corações na velha Europa. O que interessava era saber se o novo papa seria conservador ou progressista. Nem tanto se ajudaria a ganhar a vida eterna, mas se ele iria melhorar nosso bem-estar e salário. Não era a preocupação entre o espiritual e o material, nem sobre o céu e o inferno, mas qual o partido que iria tomar o Espírito Santo. A mídia divertiu-se bastante nesse "diadema", como diria um importante político brasileiro.

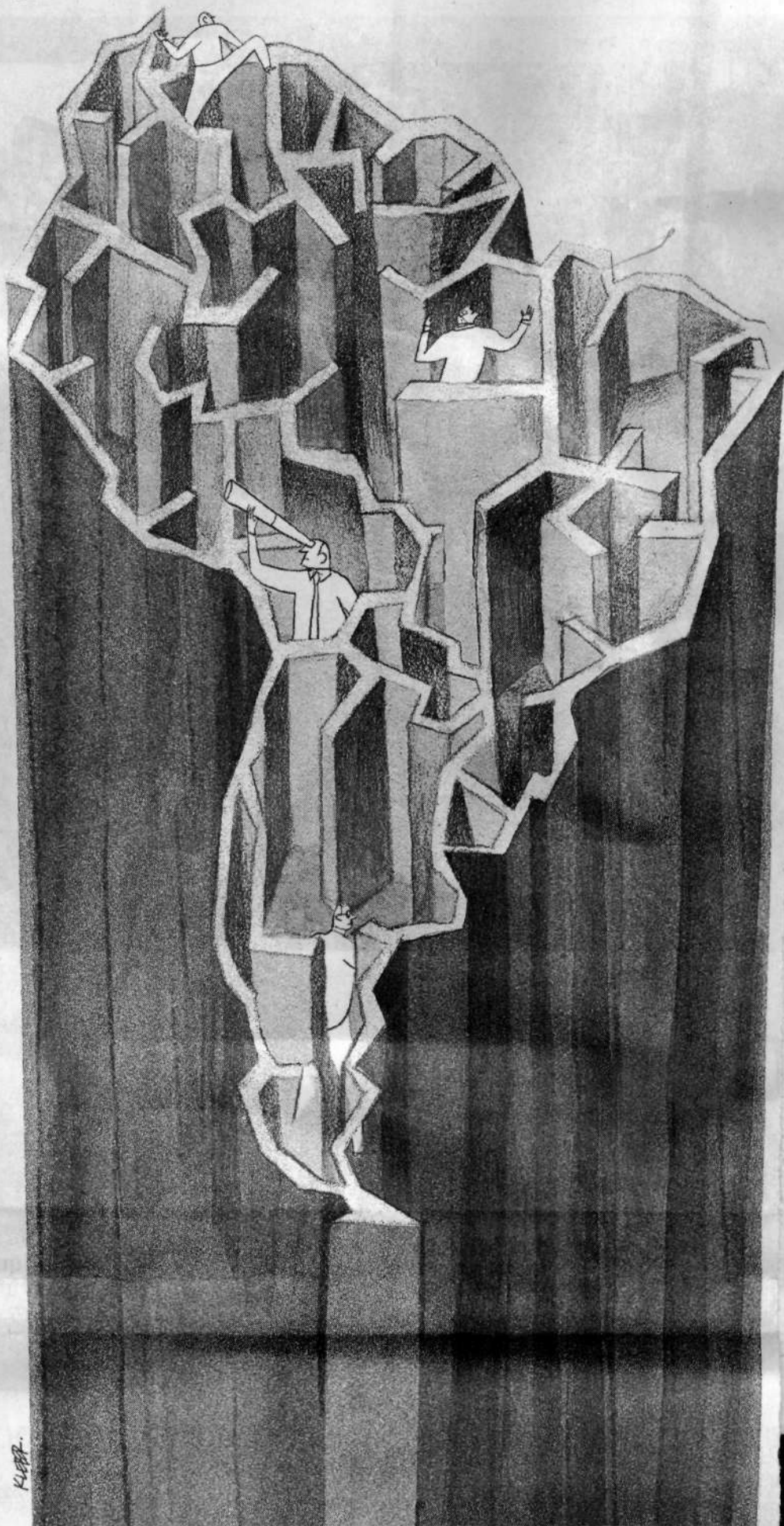
Afinal a vida continua e surge a alegria de um novo pontífice. A fumaça branca tão esperada e o repicar dos sinos anunciam que "um humilde trabalhador na vinha do Senhor" é o novo sucessor de São Pedro: habemus papam. Deus, que o trouxe para essa grande missão, o ajude a ajudar esta humanidade tão carente de valores espirituais. A graça de Deus permanece. Pior se Ele, como diria Vieira, tivesse o coração dos homens e dissesse na Capela Sistina: erga omnes. "Fora todos", e acabasse com tudo.

Mas o meu tema não é o papa, é o labirinto sem saída da América Latina. Nas nossas barbas, no Equador, mais um presidente é deposto em meio a um levante popular. É o mesmo cenário em que foram ferrubados três presidentes, e agora derruba-se mais outro: o mesmo que derrubou os outros.

O Peru vive uma crise aguda e crônica. Na Bolívia, o presidente também caiu em meio a uma convulsão de rua. Chávez, da Venezuela, derrubado, ressuscitou e, agora, cria uma novidade: a democracia fardada, e para consolidá-la compra cem mil fuzis, para uma guerra que só pode ser entre seus próprios compatriotas. No Paraguai, mesma cena: dois presidentes caíram. Na Colômbia vive-se no fio da navalha.

Na Argentina, três presidentes foram postos para fora, antes de Kirchner. O Brasil é um oásis dentro desse quadro. A nossa transição fez com que atravessássemos o desfiladeiro institucional de uma vez por todas. Enfrentamos um impeachment presidencial e elegemos um operário de esquerda sem uma só ameaça. Criamos uma sociedade democrática e não deixamos nenhuma hipoteca militar a pagar.

Mas assusta o sarampo que testemunhamos: a política das multidões anárquicas, sem controles e exercitando a possessão e a fúria dos vidros partidos e dos incêndios. É o velho labirinto da América Latina que, para decepção e tristeza nossa, mais uma vez se enrola, vai e volta, e a saída não aparece.



KLEBER

Como se diz no Nordeste: "A desgraça do pau verde/ É ter o pau seco ao lado;/ Vem o fogo queima o seco/Lá vai o verde queimado".

Há alguma coisa de errado no presidencialismo em países pobres. O sistema não resiste a crises. Em vez de caírem os gover-

nos, caem os presidentes. Talvez fosse a hora de pensar num outro tipo de regime para curar a instabilidade dessas nações. Mas, como diz o brocado, "a gente só se lembra de Santa Bárbara quando vem a trovoad".

Mas isso é outra história.